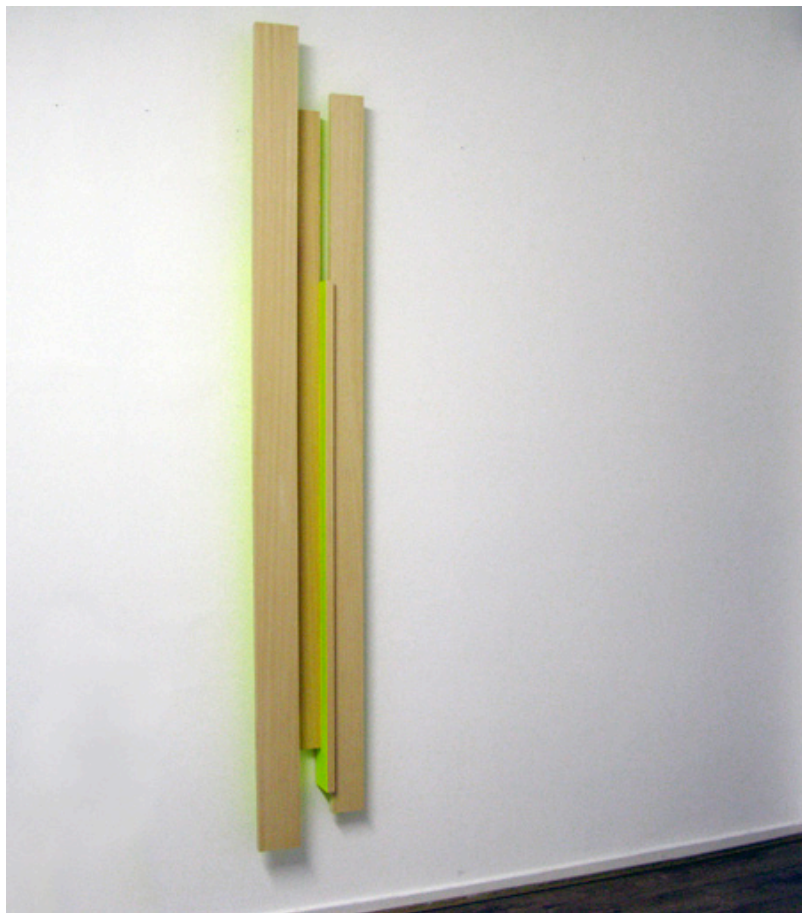


CAROLINE PAGÈS GALLERY // COMUNICADO DE IMPRENSA



Jeanine Cohen, Vertical Yellow II, 2010, Acrílico s/ madeira (Ayous), 190 x 27 x 9 cm

Jeanine Cohen

Keeping things pretty straight

1 de Outubro – 26 de Novembro

Inauguração Sábado, 1 de Outubro das 17h às 20h

Caroline Pagès Gallery

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa

Tel. 21 387 33 76

Tm. 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Horário: Aberto das 15h às 20h, excepto Domingos, e por marcação.

Kublai: – Não sei quando é que tiveste tempo para visitar todos os países que me descreves. Eu acho que tu nunca saíste deste jardim.

Polo: – Cada coisa que vejo e faço toma sentido num espaço da mente onde reina a mesma calma daqui, a mesma penumbra, o mesmo silêncio percorrido pelo estalar das folhas.

Não é preciso conhecer as fotografias onde Jeanine Cohen enquadrou janelas, gradeamentos, estores, vitrinas, redes, divisórias, tapumes, pré-fabricados, degraus, etc, para identificarmos estes elementos e os (re)encontrar nos planos, linhas, grelhas, tracejados, sombras, texturas, transparências, visibilidades, opacidades, etc, presentes na sua pesquisa visual. Se virmos as suas fotografias, já que é opção, e certa, não as apresentar

na galeria mas no seu site ou em livros de artista, reconhecemos arquitecturas do quotidiano assinaladas pelo olhar caminhante nas cidades por onde Jeanine passou como Telavive ou Lisboa, nas viagens nos EUA ou nos períodos de residência na Islândia.

Raras são as vezes em que um edifício, fotografado na rua de alguma cidade por Jeanine Cohen, não é enquadrado de esquina, de esguelha, da perspectiva que incita ao movimento, e que em resultado desta acção, promove a visibilidade de múltiplos planos. Arrisco: este posicionamento do olhar não é uma estratégia para ganhar, no seu registar, a *volumetria* de um bloco de apartamentos. Começo por descrever a minha (aparente) contradição. O olhar procura descrever a anatomia de uma cidade ao final do dia (não se vêem pessoas nas ruas de Jeanine), o olhar procura guardar a precisão do precário, ou da ruína, de arquitecturas anónimas. E no entanto, creio que esta documentação colectada (de objectos, materiais, corpos que preenchem as nossas cidades) é o “motivo” para a produção de *esculturas* (ainda que estas sejam de colocação *na* parede), mas a artista assume-se como pintora. E, na realidade, ela lida essencialmente com o plano bidimensional da pintura: superfície, linha e cor. Uma contradição (sua) apenas aparente. Por partes. A *superfície* de trabalho: a tela nas pinturas-que-não-são-esculturas é a parede de uma casa, de uma galeria – e que melhor síntese, ou símbolo, da volumetria, do que uma casa? A linha de acção: os *traços* são consubstanciados em régua de madeira polida e pintada apenas numa das faces, estas, muitas vezes, são amovíveis ao longo da esquadria que perfazem, lembrando janelas. As cores são *duplamente* reflectidas: quase nunca de apreensão directa. Se aqui, a superfície é a parede, a linha uma tira de madeira, a cor é o que não é palpável. De certa maneira são as cores que reenviam para a dimensão da pintura ou, por outras palavras, que nos relembram do encontro entre a experiência do real e estética, e.g. as variações cromáticas do céu reflectidas na ondulação de um telhado galvanizado. É esta *leveza* combinada com *exactidão* que convoca a ideia de arquitectura no trabalho de Jeanine Cohen.

Nas peças que agora são apresentadas impera uma verticalidade. Podendo esta mudança de eixos ser entendida como um brecha na linha do horizonte. Concentrando tudo numa aresta, na tal esquina, que convida ao movimento e à descoberta da multiplicidade de planos. No desenho, o mesmo acontece – jogando com a noção de escala – o corte, a dobra e consequente produção de sombra sinalizam uma malha urbana, onde um viajante descobre pormenores de uma arquitectura involuntária que já é desenho.

Escolho começar e acabar este breve texto com excertos d’ *As Cidades Invisíveis* de Italo Calvino, essas paisagens (que a cada leitura se renovam) descritas por Marco Polo a Kublai Kan. A veracidade da sua existência não é uma questão na ficção assim como, não é importante a que cidade cada trabalho de Jeanine Cohen corresponde. Porque o movimento que cada um faz em torno de cada desenho, pintura ou fotografia refaz a sua geografia, tornando visíveis, a cada olhar, novas cidades.

Assim – há quem diga – confirma-se a hipótese de que cada homem traz na mente uma cidade feita só de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, e são as cidades particulares que a preenchem.

Maria do Mar Fazenda, Agosto de 2011

Jeanine Cohen (BE/EUA, 1951) vive em Bruxelas. *Keeping things pretty straight* é a segunda exposição individual da artista na Galeria Caroline Pagès. Em Portugal teve recentemente uma exposição individual (com Javier Fernandez) na Galeria Presença, no Porto. Em 2012 vai conceber um trabalho *site-specific* no Centro de Arte Carpe Diem, em Lisboa.

A maioria do trabalho de Cohen consiste em pinturas *site-specific* sobre a parede para instituições e colecções públicas, privadas e empresariais. Em 2008 foi comissariada para criar a fachada de 900 m² da nova extensão do Museu de Fotografia em Charleroi (Bélgica).

Na Bélgica a artista expôs no Palais des Beaux-Arts (BOZAR), no Centro de Arte Nicolas de Staël, no Museu de Tapeçaria, no Centre for Contemporary Non-Objective Art, no Centre de Couleur Contemporaine CO21 e nas seguintes galerias em Bruxelas: Nomad, Archetype, Etienne Tilman, In Situ, 175 e X+.

Na Islândia (Reykjavik), Cohen é representada pela Galeria i8 que expõe regularmente os seus trabalhos; em 2004, o SAFN Museum (Reykjavik) incluiu-a numa exposição da colecção do museu.

Em 2011, Cohen participou no festival de escultura contemporânea *Escaut. Rives, Derives* no Cambrai Fine Arts Museum, em França.

O trabalho de Jeanine Cohen faz parte de colecções públicas e empresariais na Bélgica (Comunidade Francesa na Bélgica, Winterthur, Zurique, Agoria Group, Quai 55), Suécia (Statens Konsrad), Islândia (SAFN Museum) e em numerosas colecções privadas na Bélgica, Islândia, Israel, Inglaterra, E.U.A., Portugal e França.

Para mais informação e imagens por favor contactar a galeria.

Com o apoio generoso de:



Cervejaria da Esquina_Chef Vítor Sobral
www.cervejariadaesquina.com